

Diversão & Arte

No filme da Marvel, Jared Leto interpreta o doutor Michael Morbius

ATAQUES DE MORBIUS

Numa artilharia pesada de ação, os longas-metragens *Morbius*, uma aventura da Marvel, e o nacional *Alemão 2* tomam de assalto o circuito de cinema

» RICARDO DAEHN

Enfraquecidos por rara doença sanguínea, Michael Morbius (Jared Leto) e Milo (Matt Smith) são os amigos de origens bastante diferenciadas, mas que têm em comum a identidade de sofrimento encerrada na frase que dizem: "Somos poucos contra muitos". Nesta linha de espartana vitória sob obstáculos, os personagens buscam fortalecimento, no novo filme do diretor sueco Daniel Espinosa (que comandou o hit escandinavo *Dinheiro fácil* e investiu as fichas na aventura espacial *Vida*). Por trás da superprodução de US\$ 75 milhões, reside o emblema da Marvel.

No laboratório Horizon, já adulto — e depois de uma intensa cena de bullying ocorrida em flashback na Grécia —, o bioquímico Michael vira as costas para a comunidade científica e se aplica, tanto no hobby de fazer origami quanto em pesquisas que envolvem sangue artificial,

cobaias e dilemas éticos. Com a mente de superdotado, Michael se vale de uma viagem para a Costa Rica, habitat de futuros parceiros de vida: morcegos. Com certa dose de crise de consciência, o protagonista investe num projeto arriscado, ao lado de Martine (Adria Arjona).

Morbius tem roteiro assinado pela mesma dupla do *Deuses do Egito* e desenvolve a trama de um personagem longe de ser dos mais populares da Marvel. A ânsia de consumir sangue humano — um futuro recurso de sobrevivência de Morbius — deixa o protagonista perdido, na constatação do que pode ser um dom ou uma maldição. Quem conhece o ponto de partida do clássico livro de Robert Louis Stevenson, *O médico e o monstro*, publicado em fins do século 19, pode ter a noção do que se seja tratado na nova aventura da Marvel. Sem voar, os estandartes da DC e da Marvel Batman e Homem-Aranha, em certa medida, perdem para o anti-herói Morbius. Agregada à

habilidade de radar dos morcegos (junto com uma audição privilegiada), Morbius adentra a aventura cujos efeitos se escoram, em parte, naqueles vistos em *Matrix*. Sem carisma, o ator Matt Smith (um dos destaques do recente Noite passada em Soho) tem pouco a defender no filme em que, dados exageros das adaptações dos quadrinhos, seu personagem se define como uma efetiva "ressurreição".

Passados os fiascos nas participações de *Casa Gucci*, *Esquadrão Suicida* e *Blade Runner 2049*, Jared Leto teve a chance de se recobrar, num personagem forte, mas parece optar pelo comedido que rima com preguiça cênica. "Sou o Venom", Morbius chega a esbravejar. Mas o filme, que traz uma breve sequência com o Abutre (a ser vivido por Michael Keaton), resvala mesmo é para decalque de *X-Men*, dada a semelhança de efeitos que revestiram trajetórias de Noturno e Mercúrio, entre outros.

UMA DOSE VIOLENTA DE CINEMA

Quase duas décadas depois de impressionar com longas-metragens absolutamente brasileiras, a exemplo de *Subterrâneos* e *A concepção*, o diretor José Eduardo Belmonte, que já respondeu por filmes diversos como *Entre idas e vindas* (2016) e *Carceiros: o filme* (2019), traz para a tela *Alemão 2*, a continuação do estrondoso sucesso de *Alemão*, em 2014, conferido por mais de um milhão de espectadores. Na nova ação, marcada por uma disputa interna da periferia, atores como Vladimir Brichta, Mariana Nunes, Leandra Leal e Gabriel Leone dividem a tela com tiroteios e estratégias de alta precisão. (RD)

Entrevista // José Eduardo Belmonte

Como foi coordenar cenas de tiros, na perspectiva do acidente ocorrido no filme de Alec Baldwin?

Talvez a experiência da série *Carceiros* tenha sido ótima. Nela, a gente tinha que fazer cenas complexas, dessas de ação, de luta, uma por semana e com muita gente. Cenas complexas, de luta. No filme, usamos todo artefato de vapor; nada tinha festim. Existem excelentes técnicos no Brasil, mas a gente faz poucos filmes desses (de ação) no Brasil. A gente teve o Sérgio Farjalla, um dos ótimos técnicos no Brasil. Ele é super cuidadoso. Existe muitos processos no cinema. Muito é ilusão e trabalhado na pós-produção. A

gente não precisa do processo violento. Aposto no que seja lúdico.

Como percebe *Alemão*, frente a *Tropa de elite* e *Cidade de Deus*?

Tanto *Cidade* quanto *Tropa* apontaram uma ideia de cinema com realismo social e de cinema de gênero. Antes, teve o Roberto Farias (de *Asalto ao trem pagador*, em 1962), o Roberto Pires fazia também coisas nessa linha. Na verdade, com *Alemão*, pensei no que não queria ter (de herança). Há uma história do Jackie Chan que é maravilhosa: quando ele começou a trabalhar, todo mundo comparava ele com o Bruce Lee. E ele foi lá (nos filmes de Lee) ver o que ele não fazia: ele não fazia comédia, ele disse: "vou começar a bater, e vou sentir a dor", na base da comédia. Eu pensei em fazer diferente também. O gênero vai ser universal, mas a gente teve que procurar outro tipo de ação, que não fosse a americana. Enxertamos questões dramáticas, vidas interiores dos personagens e muitas questões humanas. O caminho da violência está lá, no mesmo, mas o universo é outro.

Cinema projeta jogos de controle e fatores políticos?

Hoje a sociedade brasileira é um grande campo de batalha. Sempre foi, mas hoje isto está muito evidente. Há sempre busca por poder. Poder passa por controle. Toda a relação é uma relação de poder, numa paráfrase. Tudo sempre foi político. A arte, a exemplo de tudo na vida, é política. No caso, a gente fala

sobre políticas de segurança pública. Pensamos num filme popular, sobre segurança pública. O que me levou a atender ao chamado do produtor Rodrigo Teixeira era uma oportunidade de, dentro de um filme de gênero, que chama muito a atenção, também pensar sobre segurança pública. É político, mas também é existencial. Ele fala das questões das pessoas que vivem estes conflitos.

Por que optaram por colocar tarjas nos políticos condenados: eles são menores... ou são maioria? Devem ser preservados?

Não. Na verdade (risos), a produtora definiu que nenhum rosto poderia ser mostrado nas imagens documentais. Mas eu queria diferenciar os políticos dos outros: eles são borrados (aparecem assim), mas eles estão marcados. A interpretação disso vou deixar para os espectadores porque acho que minha função não é a de ser exegeta da minha própria obra.

Como nota a questão de quem condena a ação dos direitos humanos em algumas circunstâncias? E como foi migrar do streaming novamente para o cinema?

Há a ingenuidade da falta de escuta (na condenação dos direitos humanos). A questão é que eles são importantes, e mais, são fundamentais. A a gente deveria era respeitar mais, e pensar mais sobre isso. Quanto aos aspectos técnicos, estou na levada do cinema e do streaming há um bom tempo. Estou velho (risos), comecei

Vitrine Filmes/Divulgação



Cena do longa nacional Alemão 2

Helena Barreto/Divulgação



José Eduardo Belmonte

APOSENTADORIA CEDO DEMAIS

» PEDRO IBARRA

Por meio de um comunicado nas redes sociais, Rimmer Willis, filha do ator Bruce Willis, anunciou que o pai irá se aposentar da atuação. Bruce, de 67 anos, está com problemas de saúde e desenvolveu um quadro de afasia, doença que se caracteriza pela perda cognitiva e pela dificuldade de entendimento da língua escrita e falada. A condição é comum e pode ser gerada por doenças cerebrais, como AVC, encefalite, ou tumores da região.

"Aos incríveis apoiadores de Bruce, como família queremos compartilhar que nosso amado Bruce está passando por problemas de saúde e foi diagnosticado recentemente com afasia, que está impactando suas habilidades cognitivas. Como resultado disso, e após muita análise, Bruce está saindo da carreira que significou tanto para ele", escreveu a filha do artista com Demi Moore.

Bruce Willis é um ícone do cinema norte-americano tendo se especializado principalmente em filmes de ação. Ele começou a carreira na série de sucesso *A gata e o rato* (1985), pela qual ganhou o Grammy. No cinema, *Duro de matar* (1988), *Armageddon* (1998), *Red* — Aposentados e perigosos (2010), *Pulp fiction: Tempo de violência* (1994) e *O sexto sentido* (1999) são alguns dos destaques da carreira. Ele passou 13 anos casado com Demi Moore e estava com a modelo Emma Heming Willis, somados os dois casamentos Willis teve cinco filhas.



Rich Fury

Cedo demais para se aposentar: Bruce Willis